

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

## **MULHERES E MASCULINIDADES**

Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias  
homoeróticas entre mulheres de grupos populares  
em Porto Alegre

Nádia Elisa Meinerz

Porto Alegre, 2011

## **MULHERES E MASCULINIDADES**

Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias  
homoeróticas entre mulheres de grupos populares  
em Porto Alegre

Nádia Elisa Meinerz

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Antropologia Social da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de doutor

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Riva Knauth

Porto Alegre, dezembro de 2011.

## **Mulheres e Masculinidades**

Etnografia sobre afinidades de gênero entre mulheres de  
grupos populares em Porto Aletre

Nádia Elisa Meinerz

Tese de Doutorado em Antropologia Social

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sérgio Carrara – IMS/UERJ

---

Prof. Dr. Fernando Seffner – FACED/UFRGS

---

Prof. Dra. Fabíola Rohden – PPGAS/UFRGS

---

Prof. Dra. Daniela Riva Knauth – PPGAS/UFRGS (orientadora)

## Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, por todas as aulas, palestras e provocações. Aos professores e aos colegas que ingressaram no doutorado em 2007, pelos diálogos que tivemos.

Ao Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde, por continuar incentivando novas pesquisas sobre gênero, sexualidade e saúde.

Aos colegas e alunos da UFAL, pela acolhida e pela paciência. Especialmente ao Pedro Guedes do Nascimento, por esse caminho de trabalho que viemos descobrindo desde 2010.

À Michele Schmitt, pelas revisões e pelo abstract.

À Paula Sandrine Machado, por todas as discussões sobre gênero e pela ajuda logística.

Ao Francis Morais de Almeida, por compartilhar as angústias do início do percurso.

À Regina Facchini, pela disponibilização dos textos inéditos.

À Daniela Riva Knauth, pela interlocução, pelo aprendizado e pela parceria de trabalho que construímos ao longo dos anos.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos.

Ao IASSCS, pela capacitação em pesquisa sobre sexualidade.

Ao Ministério da Saúde, pelo financiamento da investigação sobre homofobia.

À Liga Brasileira de Lésbicas da Região Sul, pelas provocações e pelo desafio à intervenção.

À Claudete e Leila, que abriram os caminhos para o trabalho de campo e a todas as mulheres que colaboraram com a pesquisa.

Aos meus pais, pelo carinho e pela compreensão e ao meu irmão por me ajudar a ficar perto, mesmo de tão longe.

Ao Edeimar, por estar comigo em todas as horas.

## RESUMO

A presente tese versa sobre as expressões de masculinidade produzidas em corpos de mulheres no contexto das relações homoeróticas em grupos populares. Ela parte de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2008 e 2010, na região metropolitana de Porto Alegre. O trabalho de campo foi organizado a partir da inserção nas redes de relações de duas ativistas lésbicas e contou com a colaboração de trinta mulheres, entre 25 e 64 anos, predominantemente casais. A partir desse material, descrevo a masculinidade como um atributo corporal das mulheres, que não constitui, no entanto, uma identidade de gênero específica. Pelo contrário, ela expressa uma articulação particular entre sexo e gênero, a qual se materializa corporalmente através de uma composição de masculino e feminino. A tese é construída a partir de três movimentos. O primeiro concerne à caracterização teórico-metodológica da variação de gênero, considerando três diferentes possibilidades de análise que perpassam a literatura sobre sexualidade. O segundo é baseado na reconstrução etnográfica de relatos autobiográficos de três personagens que nasceram entre o final da década de 1940 e o início de 1950, cujas trajetórias ilustram as transformações nas relações de gênero da segunda metade do século passado. Nessas narrativas, a sexualidade aparece como elemento secundário na apresentação que elas fazem de si mesmas, visto que sempre se encontra entrelaçada às esferas da família e do trabalho. Um terceiro movimento se organiza em torno da descrição do *jeitão*, categoria êmica privilegiada por parte das interlocutoras para relacionar os seus contornos corporais com a *preferência sexual* por mulheres. Esta categoria articula um conjunto de afinidades com determinadas práticas esportivas e laborais com as expectativas de masculinidade que perpassam os arranjos conjugal-familiares. Por fim, a reivindicação do respeito para com esse *jeito de ser* indica uma mediação entre elementos relacionais e aspectos relativos à individualidade.

**Palavras chave:** mulheres, homossexualidade, masculinidade, *jeitão*, grupos populares.

## ABSTRACT

This thesis is about masculinity expressions produced in female bodies in the context of homoerotic relations in popular groups. It started with an ethnographic research that was accomplished from 2008 to 2010 in the metropolitan area of Porto Alegre. The fieldwork was organized by the insertion of two lesbian activists relation networks and counted with the collaboration of 30 women, aged 25 to 64, mostly couples. Having collected this material, I describe masculinity as a body attribute of the women; however, it does not constitute an specific gender identity. Otherwise, masculinity expresses a particular articulation between sex and gender, which is materialized in the body through a male and female composition. The thesis is constructed on three basis. The first one concerns to the theoretical and methodological characterization of the gender variation, considering three different analytical possibilities presented by the literature about sexuality. The second one is based on the ethnographic reconstruction of three characters that were born in the period from the end of the 1940s and the beginning of the 1950s, whose trajectories illustrate transformations of the gender relations in the second half of the past century. In these narratives, sexuality comes up as a secondary element when the characters present themselves; it is always interlaced with the family and job domains. The third one is organized around the description of *jeitão*, emic category privileged by the interlocutors in order to establish a relation between the body contours and the sexual preference for women. This category articulates a set of affinities with specific work and sportive activities and masculinity expectations that are present in the marital and familiar arrangements. Finally, the claim of respect for *this way of being* indicates a mediation process between relational elements and aspects of individuality.

**Key words:** women, homosexuality, masculinity, *jeitão*, popular groups.

## Sumário

<b>Por que falar de mulheres e masculinidades</b>	<b>8</b>
<b>1. TEORIA E ETNOGRAFIA DAS AFINIDADES DE GÊNERO</b>	<b>23</b>
1.1 Só as femininas e discretas serão desejadas?	23
1.2 Práticas sociais e afinidades de gênero	33
1.3 A etnografia e seus percursos	40
1.4 Três leituras sobre variação de gênero	55
1.4.1 Além do dimorfismo sexual	56
1.4.2 <i>Female masculinity</i> : paródia de gênero	64
1.4.3 Práticas transgênero e corpos indóceis	68
<b>2. TRABALHO, FAMÍLIA E SEXUALIDADE NA HISTÓRIA DE VIDA DE TRÊS MULHERES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX</b>	<b>73</b>
2.1 Uma cantora tradicionalista	77
2.1.1 Encontrando Berenice Azambuja	79
2.1.2 Gauchinha Faceira	83
2.1.3 Gauderiando	92
2.1.4 Do jeitinho brasileiro	97
2.2 Memórias de Danny Garcia	104
2.2.1 Renata e Vânia	104
2.2.2 Bom Retiro	110
2.2.3 Mulheres, casamentos e filhos	117
2.2.4 O espaço como <i>machorra</i> na prefeitura de Alvorada	128
2.3 Claudete Teixeira Costa	139
2.3.1 <i>Somos a memória que não se cala</i>	139
2.3.2 Arroio Grande	146
2.3.3 Entre a <i>blusa de seda</i> e a <i>soqueira inglesa</i>	153
2.3.4 Pagando para fazer poesia	162
2.4 Algumas Conexões	172
<b>3. POR CAUSA DO MEU JEITÃO: CORPO, SEXUALIDADE E RESPEITO</b>	<b>176</b>
3.1 Assumindo contornos masculinos	176
3.1.1 No futebol feminino: o corpo e o jogo do gênero	185
3.1.2 O <i>sustento</i> e o <i>espaço</i> no trabalho	195
3.1.3 Conjugando família e sexualidade	202
3.2 O jeitão e a preferência sexual	210
3.2.1 Não precisa ter nome, precisa ter respeito	215
3.2.2 Tá vendo esse meu <i>jeitão</i> ?	223
<b>Considerações Finais</b>	<b>230</b>
<b>Referências</b>	<b>237</b>

## Índice de Ilustrações

Figura 1: Capa do Vinil "Romance de Terra e Pampa" de 1980 _____	78
Figura 2: Capa do CD "Dançando num Saravá" de 2008 _____	79
Figura 3: Capa do LP "Gauchinha Faceira" de 1976 _____	83
Figura 4: Capa do LP "É o Sucesso" de 1978 _____	85
Figura 5: Capa do LP "Canto para Mil Querências" de 1978 _____	86
Figura 6: LP "Tropeada da Vida" de 1981 _____	87
Figura 7: Capa do LP "Gauderiando" de 1986 _____	91
Figura 8: Contra-capa do LP "Gauderiando" de 1986 _____	95
Figura 9: Capa do LP "Do jeitinho Brasileiro" de 1989 _____	101
Figura 10: Capa do CD "Chimarrão e Água de Coco", _____	101

**Por que falar de mulheres e masculinidades**



Embora diga respeito tanto às mulheres quanto aos homens, a maior parte dos estudos de gênero aborda a perspectiva feminina. Os homens são vistos com certa desconfiança, por representarem, em grande parte das análises, o papel do opressor, do perpetrador da violência e da exploração feminina. Igualmente, podem ser percebidos como beneficiados ou privilegiados pela desigualdade de gênero. Por outro lado, admite-se que, individualmente, podem até não ser considerados culpados pela opressão feminina, sendo esta atribuída a explicações estruturais como aquela ancorada no patriarcado<sup>1</sup>. Apesar da relevância política, esse conceito não contempla uma reflexão sobre o engajamento dos homens no enfrentamento da desigualdade. Como nos mostra Figueroa-Perea (2003), os pesquisadores que se ativeram a esse referencial pautaram-se por uma leitura de “satanização dos homens”. Num sentido semelhante, porém abrindo espaço para um mínimo de participação masculina, o autor situa a perspectiva da “autoflagelação”. Restaria aos homens, frente a sua condição de algozes, apenas o reconhecimento da culpa em relação aos problemas enfrentados pelas mulheres e aos seus privilégios enquanto parte do grupo dominante. Sua prática deveria referendar a abnegação em relação a qualquer tipo de direitos.

Incorporar os homens e a preocupação com a masculinidade só foi possível a partir da compreensão da dimensão relacional do gênero. Com trabalhos como o da historiadora Joan Scott (1995), a reflexão avançou em relação à abordagem clássica do desempenho de papéis masculinos e femininos, que correspondiam a valorações definidas e a posições de dominação e subordinação fixas em relação à estrutura social. A autora enfatizou que gênero diz respeito às relações de poder entre homens e mulheres, e entre diferentes formas de ser homem e de ser mulher. Enfim,

---

<sup>1</sup> Parte considerável da produção feminista sobre a desigualdade entre homens e mulheres está pautada no conceito de patriarcado e consiste numa crítica à exploração do trabalho e às desigualdades sociais na sociedade capitalista. Para a socióloga feminista Heleieth Saffioti (2002), a ordem patriarcal é sustentada pela sujeição das mulheres à realização do trabalho doméstico e à prestação de serviços sexuais aos homens. Nesse ordenamento, as mulheres são consideradas como objeto do poder masculino, seja no plano da satisfação sexual, na reprodução da força de trabalho ou ainda no provimento de herdeiros e de novas reprodutoras. Dessa maneira, o gênero não pode ser considerado isoladamente, pois faz parte do emaranhado mais amplo das relações patriarcais, no qual se articulam também as relações de raça-etnia e classe social. Seguindo a referência do patriarcado, a violência de gênero é pensada como uma prática autorizada, ou pelo menos tolerada socialmente, como forma de punição para qualquer desvio ou subversão das normas patriarcais. A capacidade de mando dos homens e o requisito de obediência das mulheres só funcionam na medida em que são sustentados pela violência física e simbólica. Isso porque a ideologia patriarcal não é suficiente para garantir a obediência dos dominados, sendo que o patriarca, ou alguém em seu nome, deve fazer valer a sua vontade através da violência.

definiu que essas relações são influenciadas por variáveis culturais, tais como classe, raça/etnia, geração, pertencimento religioso.

Apesar da influência feminista, nem todas as referências dos estudos sobre masculinidade estão afinadas com essa perspectiva. Para Bourdieu (1999), o problema das teorias feministas foi considerar que a desigualdade de gênero afetava exclusivamente as mulheres. Diversamente do que ocorre com a discussão sobre patriarcado, as questões levantadas pelo autor apontam a necessidade de se incluir os homens nas pesquisas sobre gênero, bem como investigar as imposições sociais específicas que recaem sobre a masculinidade.

Segundo Bourdieu, a dominação masculina é mais do que uma diferença de posição, de prestígio ou de poder que favorece aos homens e subjuga as mulheres. Ela é uma forma simbólica de dominação que está inscrita no corpo e na consciência das pessoas como se fosse parte da ordem natural das coisas. Tanto os homens quanto as mulheres são socializados segundo esse princípio estrutural e, à medida que atuam conforme as expectativas de seus respectivos papéis sexuais, acabam consolidando essa desigualdade. Isso quer dizer que os homens também estão subjugados a uma série de expectativas de gênero, tais como o uso da força, o papel de provedores do lar, a imposição de atividade e disposição sexual constantes, a recriminação de qualquer demonstração de emoção ou afetividade.

O ônus social que recai sobre os homens também aparece no trabalho da antropóloga Ondina Fachel Leal (1989). Em sua tese sobre os gaúchos, ela analisa a trajetória de homens solteiros que trabalham como peões de estância, na fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai. A autora mostra que o envelhecimento e a degradação física representam uma espécie de morte social para o gaúcho, dada a inexistência de um espaço social para a dependência masculina. O suicídio, nesse contexto, é percebido como último ato de bravura desses homens. Desse modo, a autora inverte o jogo da opressão de gênero mostrando que os homens, que até então eram vistos apenas como machistas e dominadores, também sofrem os efeitos negativos das expectativas em relação à masculinidade (LEAL, 1989).

A partir da década de noventa do século XX, começaram a se desenvolver de forma mais sistemática estudos de gênero que não apenas se preocuparam em contemplar os homens, mas também em discutir os termos da construção social da masculinidade. Os principais focos dessa produção são a crítica à ideia de uma

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

